

Gênero, cuidado e a reconfiguração da fronteira... fronteiras, *fronteiras!*

José Miguel Nieto Olivar

Doutor em Antropologia e Professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

escreve.ze@gmail.com

Resumo

Como resultado de pesquisa antropológica baseada na porção brasileira da cidade transfronteiriça entre o Brasil, o Peru e a Colômbia (Tabatinga, AM), o presente artigo propõe uma reflexão teórico-metodológica sobre *fronteiras* como objeto de estudo para as ciências sociais, a partir da relação analítica da *fronteira* com a rede conceitual dos estudos antropológicos do *cuidado*, do gênero, da sexualidade, do corpo e dos afetos. Busco apresentar a *fronteira* como uma territorialidade performativamente real, múltipla e desdobrada em – e conectada com – muitos outros lugares, corpos e relações. Tal exercício pode propor ou provocar deslocamentos e afinações que me parecem necessárias nas formas como lidamos com a categoria *fronteira*, em particular nas suas relações com gênero e com dinâmicas actanciais de produção social. O artigo está baseado na reconfiguração de narrativas em que circuitos de afetos, dinâmicas de cuidado, corpos e *fronteiras* são articulados para favorecer os deslocamentos buscados.

Palavras Chave: gênero; afetos; cuidado; Amazônia; etnografia.

Abstract

As a result of anthropological research based on the Brazilian part of the transborder city between Brazil, Peru and Colombia (Tabatinga, AM), this article proposes a theoretical-methodological reflection on borderlands as an object of study for the social sciences. It is done through the analytic relationship of the border with the conceptual network of anthropological studies of care, gender, sexuality, body and affections. This article is part of a larger exercise in which I seek to present the border as a performatively real territoriality, multiple and unfolded in - and connected with - many other places,

bodies and relations. I have the idea that such an exercise can propose or cause some displacements and some adjustments that seem necessary to me in the way we deal with the category *border*, particularly in its relations with gender and with dynamics of social production. The article is based on the reconfiguration of narratives in which circuits of affection, care dynamics, embodiment processes, and borders are articulated to favor the desired displacements.

Key-words: gender; affect; care; Amazon; ethnography.

Agradecimentos

Esse artigo é resultado de vários afetos, diálogos e leituras. Primeiras versões foram apresentadas em forma de palestras na UFAM e na Universidad Complutense de Madrid, em 2016, e na UFMS em 2017. Agradeço a Fábio Candotti, María Lois e Guilherme Passamani pelo espaço de reflexão e discussão. Lindomar Albuquerque (UNIFESP), Yohana Pantevis (Universidad Nacional de Colombia) e Luz Gabriela Arango (Escuela de Género, UNal), leram e comentaram detalhadamente uma versão preliminar, agradeço enormemente o apoio e as ideias. Agradeço a Flávia Melo, companheira de trabalho de anos, pelas intensas reflexões sobre gênero, estado e fronteiras amazônicas; também a Sabrina Finamori (UFMG) pela ideia de articular minha pesquisa com as formas do *cuidado*. Finalmente, às mulheres do Núcleo de Estudos de Gênero, PAGU, nicho institucional-afetivo onde tudo isso foi possível.

A Luz Gabriela Arango, *in memoriam*.

Cuidado em terras inóspitas e *salvajes*

Começo com uma história.

Quando Socorro contou chorando a Cauã, seu amigo, que o dono do local do restaurante lhe pedira para sair no prazo de 15 dias, Cauã, furioso, se ofereceu para ir e falar com o dono, um grande comerciante local, porque “ele nos deve alguns favores”. Não era a primeira vez que seus “bebês” lhe ofereciam sua ajuda e proteção. Contudo, dessa última vez, ela, entendendo a dimensão dos favores e dívidas, e os conteúdos dos negócios, preferiu negar o oferecimento. Aceitou, na sua lógica, a vontade de Deus, e se preparou para desmanchar, em duas semanas, o projeto que construía em quase 10 anos. Nas suas últimas semanas em Tabatinga, antes de finalmente ir embora para sua terra

natal, Cauã, junto a um outro “bebê”, algumas pessoas da igreja e a mim, fomos as pessoas que acompanhamos emocional e logisticamente sua despedida.

Nos últimos anos, Socorro cuidou do Cauã como de um filho, tendo como eixo da relação o restaurante dela e, portanto, a alimentação. Mas não só. Socorro teve todos aqueles anos uma empregada com quem construiu uma clássica, tensa e hierárquica relação de afeto, cuidado, trabalho doméstico, “quase” maternidade e ambiguidades econômicas: a Flor. Flor trabalhou como garçomete no restaurante, como cozinheira e, em alguns tempos, como administradora. Ela era jovem e muito desejada pelos homens que frequentavam o restaurante. E Flor namorou o Cauã. Foi uma relação forte, intensa e tormentosa, e foi nesse contexto que Cauã e Socorro se fizeram mais amigos. “Civilizando” a Flor, de início ela torceu a favor da relação, pois para ela Cauã encarnava a possibilidade da Flor deixar de ser “tan índia”, “salvaje” e melhorar de vida. Ela favorecia encontros, mediava brigas, aconselhava a Flor a polir suas maneiras. Mas a relação foi mudando, e Socorro passou mais a cuidar dele. Inclusive, cuidou o Cauã das fúrias, “salvajadas” e “brujerías” da Flor. Enquanto a amizade e confiança com Cauã cresciam, a relação com Flor se fazia de maior distância e desconfiança. Nos últimos tempos da vida da Socorro em Tabatinga, ela suspeitou que a Flor e sua mãe (numa comunidade “indígena” distante) estavam lhe fazendo algum “trabajo” ou feitiço. Em outubro de 2015 Socorro e eu fomos a Iquitos, no Peru, em busca de uma “bruja” muito recomendada que desvendaria esse mistério.

Socorro é peruana, da serra, de muito longe desta fronteira; uma mulher independente e solteira na casa dos 45 anos, não indígena. Ela chegou a Tabatinga sozinha, como parte de um processo de fuga do seu contexto amoroso e familiar local, e depois de uma tentativa fracassada de fazer negócios em Manaus. No seu caminho de barco de Manaus a Iquitos, decidiu soltar a âncora e ficar em Tabatinga: negava-se a voltar a sua terra assim, fracassada, sem nada, e tão rapidamente. Tabatinga era um lugar estratégico, pela facilidade de ficar, de fazer negócios, e pela fundamental presença peruana na configuração social, cultural, econômica e política da cidade. De alguma forma na sua narrativa, essa fronteira é o lugar mais remoto, o último lugar em que ela conseguiria se imaginar. Completamente Brasil (como era o desejo migratório), completamente Peru (sua terra), surpreendentemente Colômbia: o primeiro emprego e o primeiro romance aconteceram em Leticia, no lado colombiano.

“Brasil” e “la frontera”, para muitos vizinhos peruanos e colombianos, são referentes massivos de melhor ou mais fácil acesso a dinheiro, de melhores condições de assistência de saúde, de maior liberdade sexual (me dizia uma “chiva” -homossexual- peruana), de acesso a terra e a sistemas aparentemente melhores de garantia de direitos. Pontualmente,

Tabatinga, no seu processo de municipalização e urbanização dos últimos 30 anos, materializou essas possibilidades de um Brasil-na-fronteira que para alguns brasileiros resulta ser desigual e excessivamente aberto¹. Mas esse não era o caso da Socorro. Ela não era uma migrante pobre buscando serviços e direitos no país relacionalmente melhor estruturado. Ela havia sido empresária com algum sucesso, estava muito bem relacionada na sua cidade e incluso em Lima, e além disso havia herdado algumas terras na recente morte da mãe. Como já disse, como ela me disse andando por Iquitos, ela fugia. E não da lei, do *Estado*, mas dos efeitos destrutivos da mistura entre “amores indevidos” e mal-resolvidos, e a moral sexual e de gênero compartilhada.

Como muitos e muitas peruanas em Tabatinga, Socorro entrou no negócio das comidas e depois de alguns anos conseguiu montar um restaurante muito bem sucedido, localizado na principal via da cidade, de conexão transfronteiriça, e muito perto de alguns dos prédios do poder local tabatinguense. Seus principais clientes eram pessoas brancas, brasileiras e colombianas, profissionais da área da saúde e professores universitários, militares do exército, policiais federais, alguns comerciantes colombianos e brasileiros... Principalmente homens e suas famílias. Com eles construiu relações de amizade e cumplicidade, de ajuda mútua e proteção. Aí está o Cauã, seu “bebê”.

Homem na casa dos 25 anos, branco, de corpo malhado, do sudeste do Brasil; intenso, sincero, violento e “machista”, nas palavras da Socorro, que também chamava a atenção sobre sua inteligência, sua sagacidade e sobre a ferocidade dos seus preconceitos. Cauã trabalhava como agente federal de segurança pública em Tabatinga. Sua passagem pela cidade, que faz parte da estratégia brasileira de controle policial/militar das fronteiras, das migrações e dos mercados transfronteiriços ilícitos (particularmente tráfico de drogas)(Hirata 2015; Paiva 2016), durou 3 anos, como serviço obrigatório da sua carreira, e implicou uma “indenização” adicional ao seu salário, elevando seus ganhos a algo em torno dos 10.000 reais por mês². Ele desconfiava dos estrangeiros, detestava peruanos e não escondia esse afeto; em diversas ocasiões chegou a agredir verbalmente a alguns “estrangeiros” durante a realização da burocracia migratória.

Porém, sempre gostou da Socorro, e criou com ela um vínculo de proteção bastante forte. Quando os pais dele foram visita-lo em Tabatinga, ficaram encantados com ela, e a nomearam como a representante da mãe nessa cidade, nessa fronteira, que sentiam como

1 Para uma discussão crítica à ideia de migração peruana, e sua relação com “nacionalismo metodológico” com a reprodução de desigualdades e hierarquias nessa fronteira, ver: Olivar, Cunha e Rosa (2015).

2 O pagamento de adicional está previsto na Lei 12.855/2013, sob a denominação de indenização, aos servidores públicos federais situados em localidades estratégicas, vinculadas à prevenção, controle, fiscalização e repressão de delitos transfronteiriços.

tenebrosa, infernal e muito perigosa.

Essas relações de afeto e cuidado, que incluíram altos oficiais, produziram para ela uma fronteira bastante aberta, e fizeram com que o processo de legalização da presença da Socorro no “Brasil” fosse mais simples, antes da entrada em vigor do acordo Mercosul³. Fizeram com que um casal de amigos peruanos dela pudesse, de maneira mais fácil, registrar seu filho no Brasil, e assim por diante, contrário a tudo que vemos com as mulheres peruanas que parem na vizinha cidade de Benjamin Constant e que são pesadamente violentadas pelos funcionários da saúde *brasileira* (Campos 2018). Afinal, o gênero, a *classe*, a posição de forasteiros mais metropolitanos nestas terras bárbaras, a desconexão dos parentescos de origem, eram cotidianamente tecidos no encontro destes atores, ao redor dos cuidados, da alimentação e da forte suspeita sobre esse lugar. O efeito destes agenciamentos foi a construção de determinadas imagens e relações. A capacidade de múltipla transfronteirização da Socorro implicou para Flor e Cauã o acesso mútuo, regulado por Socorro, a essa particular e libidinal fronteira *-fronteira*, frente e limite- que cada um era em relação cruzada.

Flor é jovem, divertida e muito atraente. “Porém”, é loretana, quase índia, ribeirinha, com baixa escolaridade, “salvaje” e “sin aspiraciones en la vida”. Ela, muito sedutora, desprezava a todos os homens que chegavam perto, desprezou propostas de casamento, todas elas financeiramente rentáveis, de homens brancos brasileiros e colombianos. O que em certa gramática local compartilhada por suas irmãs e pela própria Socorro, seria um absurdo. Foram vários os integrantes das forças federais de defesa e segurança brasileiras que quiseram namorá-la, casar, leva-la junto. Já nos dias finais do restaurante, nos quais seu futuro econômico aparecia mais incerto, desprezou a proposta de casamento do pai de uma colega do Cauã, fazendeiro no Centro-Oeste do Brasil, que lhe enviava fotos das suas propriedades para seduzi-la. Nesses anos o único homem com quem teve uma relação mais forte e duradoura foi com o Cauã, que, “porque es un tacaño”, odiava a ideia de dar celulares, câmeras fotográficas, caixas de som, perfumes, para seduzi-la. Segundo Socorro, a relação tinha um componente forte e violentamente erótico, de combate, de domesticação mútua. Flor, afinal, era boa parte de tudo aquilo que ele desprezava naquele “cu do mundo”. Ela – a Flor, a tríplice fronteira, Tabatinga, o Peru – foi a fronteira que ele e Socorro buscaram, fantasiaram, odiaram.

Para pessoas como Socorro e Cauã, a *fronteira* é uma ameaça da qual é preciso se proteger, na qual é preciso tecer fortes vínculos de cuidado. Era a fronteira da macumba,

3 O acordo (Portaria nº 6.975 de 7 de outubro de 2009) foi criado para facilitar a migração entre os países do Mercosul: Brasil, Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai. Peru, Colômbia e Bolívia entraram nesse acordo em 2009.

dos “índios preguiçosos”, dos “maus modos”, dos nativos que não sabem trabalhar, da enorme distância das capitais. O fantasma dos “confins do humano”, das “charapas ardientes” e das “visitadoras”⁴. Nessa retórica, o “mito-conceito” da Fronteira (Serje 2005) e sua associação com a produção de medo, é atualizada de maneira persistente e de forma fractalmente geopolítica: mais (perto da linha de, do corpo da) fronteira, mais perigo. “Cidade de fronteira”, “bairro de fronteira”, “na fronteira” (corpos da fronteira, poderíamos pensar seguindo a Anzaldúa (2012)?) podem ser categorias mobilizadas para explicar a variável necessidade de *se cuidar* ou de estar atento.

Dessa fronteira Cauã é outra dobra, outra versão prática: *O Estado*, a carne das forças federais de proteção da fronteira. Ele fazia parte de um dos grupos sociais mais cobiçados em Tabatinga em termos de acesso a dinheiro (e a sexo), ele corporificava uma forma-posição bastante privilegiada, comentada e vigiada informalmente pelos e pelas habitantes da cidade. Mas também, como preciosamente mostrou Flor, uma posição semelhante à de missionários religiosos ou altos oficiais do exército: sempre restrita a sua absoluta exterioridade e desconexão. Como dizia uma missionária branca, paulista, da igreja católica, com um sentimento de frustração nos últimos dias dos seus anos em Tabatinga também a final de 2015: “aqui não precisam de nós”.

Fronteiras – gênero – Cuidado

O presente artigo propõe uma reflexão teórico-metodológica sobre *fronteiras* como objeto de estudo para as ciências sociais, a partir da relação analítica da *fronteira* com a rede conceitual dos estudos antropológicos do *cuidado*, do gênero, da sexualidade, do corpo e dos afetos. Esse artigo faz parte de um exercício de apresentar a *fronteira*, a particular fronteira dos meus amores etnográficos dos últimos oito anos, como uma territorialidade performativamente real, múltipla e desdobrada em – e conectada com – muitos outros lugares, corpos e relações⁵. Tenho a ideia de que tal exercício pode propor ou provocar alguns deslocamentos e algumas afinações que me parecem necessárias

4 Referências aos trabalhos de José de Souza Martins (1997) e de Angélica Motta (2010), respectivamente, e à novela *Pantaleón y las visitadoras*, de Vargas Llosa.

5 Entre 2010 e 2017 desenvolvi junto ao Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, da Unicamp, uma pesquisa antropológica com base na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, sobre as articulações entre gênero, territórios de fronteira, sexualidade e dinheiro; particularmente sobre os *mercados do sexo* em contextos amazônicos e transfronteiriços. Realizei mais de 12 meses não contínuos de etnografia com base na porção brasileira da cidade transfronteiriça (Tabatinga, AM), focando em contextos de prostituição e em redes de *sexo transacional* brasileiras e colombianas (principalmente), e em redes familiares de origem peruana. Além disso habitei etnograficamente a cidade, circulando por âmbitos sociais os mais diversos, com a minha atenção nos focos da pesquisa.

nas formas como lidamos com a categoria *fronteira*, em particular nas suas relações com gênero e com dinâmicas actanciais de produção social. Essa espécie de instalação tem incorporado técnicas e materiais sobre os quais falarei mais adiante, e tem tido como recurso empírico privilegiado as articulações entre sexualidade, dinheiro e gênero, especificamente as *economias sexuais*, a “prostituição” e as políticas que as afetam e que participam ativamente da produção da *fronteira* e seu governo. Para esse artigo, exploro outros materiais: refiro-me ao *cuidado*.

O foco no *cuidado* surgiu de uma sugestão da pesquisadora Sabrina Finamori, então pós-doutoranda no Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, num seminário de pesquisa em 2015 nesse Núcleo, no qual apresentei pela primeira vez o projeto *Gênero em territórios...* Nessa ocasião, ouvindo-me relatar a história de Socorro, Cauã e Flor, Sabrina sugeriu o caminho dos *estudos do cuidado* [*care*], já trilhado por ela (Finamori 2013), como um bom recurso analítico para compreender essa fronteira. Contudo, antes de aprofundar na noção de *cuidado*, considero importante entender como, através de quais recursos analíticos, estou me aproximando à fronteira (veja também a apresentação desse dossiê).

Fronteira, aqui, tem fundamentalmente dois componentes: sua materialidade territorial e sua dimensão mito-conceitual.

Primeiro, nesse trabalho *fronteira* faz referência a processos territoriais concretos e não a limites entre categorias conceituais, ou a expressões que remetem à *marginalidade* de práticas de Estado, entre muitos outros usos. *Fronteira* se refere aqui a duas territorialidades político-administrativas massivamente denominadas assim: fronteiras internacionais e fronteiras internas (“frentes”) – ambas co-produzindo a Amazônia como uma “região”, como uma enorme “fronteira” (Candotti 2017). Nesse sentido, *fronteira* aqui tem um forte componente êmico que faz referência a processos (Grimson 2003; Zarate 2008) e a dinâmicas (Albuquerque 2010) sociais, históricas e políticas atreladas a determinados territórios e seus habitantes contingentes: esses lugares são chamados de – e vividos como – “fronteiras”, em múltiplos sentidos, por uma enorme diversidade de pessoas que ali habita, que por ali transita, que sobre ali fala, exerce poder, pensa, escreve e mobiliza políticas públicas⁶.

Temos operado, então, um mecanismo culinário de redução para manejar a

6 Mas essa ideia de *fronteira* aqui mobilizada foi encontrando nos últimos anos fortes correlatos e relações analíticas e empíricas com outras territorialidades muitas vezes também descritas ou qualificadas como “fronteiras”: me refiro especialmente a regiões centrais de “revitalização” em grandes centros urbanos, a algumas periferias e margens urbanas, e às espacialidades de instituições como prisões. Esse caminho dos estudos de fronteiras, ainda praticamente não explorado na insistente ênfase no transnacional e global que esse campo mantém, emergiu principalmente do diálogo com pesquisadores como Bruna Bumachar (2016), Daniel Hirata (2015; ver também Telles & Hirata 2007), André Guedes (2017) e Taniele Rui (2014).

fronteira. Isto é, buscamos controlar a potência metafórica e polissêmica da fronteira concentrando – no fogo e no tempo – a sua materialidade territorial, corporal e relacional, no intuito de dar maior relevância às práticas sociais situadas, aos sentidos em jogo, às implicações localizadas destas formas sociais. Reduzir para multiplicar. Por isso evito aqui assumir *fronteira* como uma metáfora instrumental para falar de mobilidades, e como uma teoria ou uma categoria explicativa, como é comum nos Estudos de Fronteira. Nesse sentido – segundo componente –, a crítica de Serje (2005) aos usos *mito-conceituais* da noção de *fronteira* resulta fundamental.

No seu livro *El revés de la nación*, a antropóloga colombiana Margarita Serje se debruça sobre o processo histórico, multidimensional e conceitual de construção dos “territórios selvagens”, das fronteiras e periferias do estado-nação colombiano (em relação com a “América equinoccial”). Esse processo a leva a compreender a forte dimensão mítica, autoreprodutiva e mistificadora do conceito de *Fronteira*, intimamente ligado à ideia de territórios vazios e de populações selvagens, de ameaças e de riquezas, e à imagem dos “héros de la Frontera”. A autora mostra como esse sistema imagético sobre a *fronteira*, que se disfarça de verdades científicas, de quantificações de pobreza e de violência, de descrições exotizadas e erotizadas, e de largas retóricas de periferização da periferia, é atualizada contemporaneamente em termos de políticas públicas, de narrativas midiáticas, de ações humanitaristas, e até de pesquisas sociais que tentam produzir informação sobre os *confins da humanidade* ou sobre as “resistências” de fronteira. “El concepto de Frontera tiene un efecto reiterativo. Su retórica es especialmente eficaz para naturalizar los supuestos en los que se fundamenta” (*ibid*: 135). Um mito ao qual está ancorada, de maneira reflexa e espetacular, o projeto nacional, “a Nação” (*ibid*: 120-138)⁷.

O problema fundamental com a proposta de Serje é que a ênfase no plano discursivo/ideológico dificulta entender que o *mito* existe em toda sua *práxis* e sua eficácia capilar. Para lidar com o problema do mito, Serje (2005) produz uma abordagem, digamos, desconstrucionista, que tende a *desvendar* o mito (conceitualizado por ela a partir de autores como Barthes) a partir do controle mais racionalizado e histórico da produção política e epistemológica. A nossa atenção etnográfica na dimensão material e performativa da fronteira nos obriga a tomar distância dessa abordagem.

Uma tradição mais antropológica de “mito”, presente em autores como Marshall

7 Seguindo uma literatura brasileira sobre “frentes de expansão” (veja por exemplo o clássico livro de José de Souza Martins (1997) *Fronteira*, ou a meta-análise de Falhauber (2001), ou a investigação histórica de Galetti (2012)), bem como acompanhando o revigoramento nos últimos 8 ou 10 anos das preocupações brasileiras com suas fronteiras internacionais e com a Amazônia como uma grande fronteira interna e internacional (Hirata 2015), podemos entender que as análises de Serje resultam perfeitamente úteis para o Brasil.

Sahlins (1985) ou Michael Taussig (1993), está associada a estruturas sociais de conhecimento e de sentido, às condições de possibilidade da história e, por isso, às condições sociais de produção de verdade e de existência em determinados âmbitos sociais.

Em termos de Taussig (1993):

Aqui o mito não é “explicado” para que possa ser “dispensado”, como se da nas lastimáveis tentativas das ciências sociais. Em vez disso ele é brandido como algo que você precisa tentar por si mesmo, aprofundando cada vez mais seu caminho no coração das trevas, até você sentir de verdade o que está em jogo: a loucura da paixão. Isto é muito diverso de fazer reflexões morais do lado de fora ou de expor as contradições que ocorrem, como se o tipo de conhecimento com que nos preocupamos de certa forma não fosse o poder e o conhecimento possuídos por uma pessoa e, por tanto, imunes a tais procedimentos. A dimensão artística da política presente na subversão mítica do mito precisa implicar um mergulho profundo no naturalismo mítico do inconsciente político da época. (: 32)

Em termos de Sahlins (1986), a realidade mítica existe nos “esquemas conceituais”, nas conjunturas sociais, nos corpos e ações práticas das culturas e seus sujeitos, e é permanentemente atualizada nestas práticas. E é justamente nessa *práxis* que, como afirma o autor, toda estrutura mítica-conceitual é colocada em *risco*.

Há um movimento constante entre a dimensão mito-conceitual assim reformulada, e a materialidade actancial, empírica, territorial e corporal da fronteira. É nesse sentido que o gênero, os afetos, a etnografia, o cotidiano, as narrativas fazem sentido e se encontram. Pontualmente, como conectora, a noção de performatividade resulta especialmente útil. Performatividade, em Butler (1998[1990]), diz respeito à prática e à ação (“repetición estilizada de actos”) que tem como base e efeito a materialidade do corpo (ou de instituições ou espaços). Permito-me aqui projetar holograficamente a noção butleriana de atos performativos sobre as questões de compreensão da *fronteira*. Assim, entre gênero e *fronteira* (não é acaso o gênero um dos mais primários mecanismos de fronteirização da experiência social?), entre corpo e território como materialidades, podemos forjar um jogo de transparências:

En este sentido, el género no es, de ninguna manera, una identidad estable; tampoco es el locus operativo de donde procederían los diferentes actos; más bien, es una identidad debilmente constituida en el tiempo: una identidad instituida por una repetición estilizada de actos. Más aún, el género, al ser

instituído por la estilización del cuerpo, debe ser entendido como la manera mundana en que los gestos corporales, los movimientos y las normas de todo tipo, constituyen la ilusión de un yo generizado permanente. (Butler 1998 [1990]: 296-297)

Essas repetições, essa identidade *debilmente* instituída do gênero/fronteira, essas estilizações do corpo/território, não são efeito da vontade espontânea de sujeitos individuais, e nem carecem de histórias, normas, esquemas ou estruturas que orientem as formas, os ritmos, as possibilidades das repetições. Na verdade, trata-se de toda uma outra ontologia dos gerúndios e dos vínculos fenomenológicos (Butler 1998), das co-dependências e precariedades (Butler 2010) e das dinâmicas regulatórias do gênero enquanto norma/mito-conceito (Butler 2004), que produzem as materialidades corporais/territoriais como sistemas contínuos, históricos e normativos de atos.

A fronteira, assim, seria o efeito reiterativo de atos e normas em relação, de materialidades de todo tipo em relação (corpos, dinheiros, documentos, instituições, projetos econômicos, intervenções sobre a terra, dinâmicas fluviais, etc) de encenações espetaculares e cotidianas em que a nação, a cultura, a fronteira, o lugar, a língua, a moeda, “a pena e o perigo” (Melo 2017), se atualizam eficazmente na aparência de naturalidade, de obviedade... ou de capacidade explicativa.

É nessa lógica estética de montagens sociais que *gênero* tem sido um dispositivo fértil de reorganização de vínculos e de conceitualizações. Porém, como tem sido avaliado em leituras internacionais, *gênero* é um recurso escassamente usado e pobremente articulado, nos estudos sobre territórios de fronteiras (Segura & Zavella 2008; Collins 2016)⁸. Vejamos.

Se retomamos a ideia da *fronteira* como mito-conceito, vemos como todo esse sistema mito-conceitual se potencializa quando prestamos atenção à articulação entre gênero e territórios de fronteira (especialmente amazônicos), central na formulação do nosso problema teórico, e que evidentemente escapa às análises de Serje⁹. Abordagens conectando gênero e territórios de fronteira no Brasil, principalmente no que tem a ver com os recortes empíricos desta pesquisa, estão fortemente marcadas por um imaginário

8 De mais de 250 trabalhos brasileiros de ciências sociais revisados (entre artigos, livros, tccs, dissertações e teses sobre – territórios de – “fronteira”) por Terassi (2016), Carneiro (2017) e Victor (2017), menos do 10% faziam alguma relação a questões de gênero/mulheres e territórios de fronteiras, sendo que, em termos analíticos, essa relação era quase inexistente nos trabalhos analisados.

9 Apesar de que no seu trabalho Serje (2005) dá pistas suficientes para pensar a produção mito-conceitual da Fronteira como um agenciamento masculino e como um processo importante de produção, expansão e embate de gênero, essa autora não se detém analiticamente sobre isso.

vinculado ao sistema civilização-e-barbárie, várias vezes traduzido em termos de violências sexuais e de gênero contra mulheres e meninas nativas atreladas a processos de fronteirização (Martins 1997), ou à características explícita ou implicitamente tomadas como “culturais” ou “históricas” da região amazônica (Torres & Oliveira 2012, entre outros).

Essas perspectivas tendem a reproduzir a imagem das mulheres fronteiriças, amazônicas ou indígenas como agentes passivos e vitimados (ou então imensas guerreiras), e a cristalizar as relações de gênero na matriz colonial de dominação. Por esse caminho, todo um universo de princípios e relações de gênero, atravessado pela história e a organização social amazônica, que não apenas diz respeito a mulheres nem a *dominação/violência*, é deixado de lado. Destino semelhante têm práticas e dinâmicas sociais e agenciamentos cotidianos e corriqueiros, ambíguos, contraditórios marcados por gênero e por lógicas de socialidade muito compartilhadas regionalmente (como as mobilidades, a construção social das gerações, as relações com a sexualidade, as relações de troca econômicas, etc)¹⁰.

Segura & Zavella (2008), na apresentação do dossiê *Gendered Borderlands* sugerem que “um projeto feminista de fronteiras [*feminist borderlands Project*] interroga os múltiplos sentidos dos limites e das fronteiras [*borders and borderlands*]”, e nesse exercício propõem quatro dimensões de análise: estrutural, discursiva, interacional e *agentic* (actancial) (: 539). Elas seguem uma tradição chicana/norteamericana de “teoria de fronteiras” muito inspirada por Glória Anzaldúa (2012[1987]), que romperá com as visões mais geopolíticas ou sociológicas, e está construída na chave da “cultura”, da identidade, das resistências e hibridações, das sexualidades “transgressivas”, e da semiótica, com forte base disciplinar nos Estudos Culturais e na Crítica Literária.

Se bem a proposta do nosso projeto vai ao encontro do espírito da crítica feminista, o faz por caminhos teóricos e metodológicos diferentes ao exposto por Segura & Zavella. Teoricamente, a abordagem que estamos propondo é outra: está fortemente influenciada pelo que é chamado de “virada ontológica” dos anos 80/90 na antropologia, mobilizada por mulheres e por críticas teóricas feministas (Strathern 2006 [1990]; Butler 1990; Haraway 1991), além de por outros aportes dos enlaçamentos entre antropologia, história e narrativa (Sahlins 1985; Taussig 1993; McClintock 2010; Das 2007). Ou seja, como na reconfiguração generificada, libidinal e afetiva que Perlongher (1987) propôs do centro de São Paulo, construímos uma instalação **desde** o gênero; uma instalação na qual gênero não é apenas um tema, uma questão a ser observada, e nem propriamente uma categoria

10 Veja como contra-exemplo o trabalho de Angélica Motta (2010).

analítica, mas, como potência de certos feminismos, é uma forte correnteza capaz de liberar energias e conexões novas ou esquecidas.

Esse repertório teórico-político possibilita uma abordagem que está mais interessada nas relações e nas práticas de fabricação social do mundo, das desigualdades, diferenciações e distinções, de materialidades e imaginações múltiplas e conectadas parcialmente - inclusive das materialidades do Estado (Vianna & Lowenkron 2017; Olivar 2015) -, das complexidades relacionais da violência e dos desejos (Gregori 2003), do que na lógica do significado, da dominação *sine qua non*, e das distinções entre simbólico e material, estrutural e discursivo, literal e metafórico, entre outras (Wagner 2010).

Por fim, junto com Flávia Melo (Olivar & Melo 2018) temos pensado a fronteira como *um agenciamento de gênero*; isto é, colocando o gênero não apenas como um efeito (tipicamente negativo) dos processos de fronteirização, mas como um mobilizador dos estilos fortemente estetizados de produção de fronteiras (amazônicas), que entra em relação com discursividades nacionais e transnacionais sobre “mulheres” e sobre formas de governamentalidade (Melo 2017). Gênero poderia funcionar como uma chave para ler, também, as múltiplas disputas e embates, as formas minúsculas e paradoxais de *contra-fronteirização*, de apropriação e devoração da *fronteira* em termos de gênero por parte de agentes locais (Olivar 2018).

Por esse caminho, chegamos ao *cuidado*.

Pesquisas sobre “cuidado” [*care*] têm se preocupado com os “trabalhos e mercados do cuidado”, com as economias globais do *care*, e costumam estar marcadas por gênero (feminino). A literatura sobre *trabalho do cuidado* tem sido produzida no marco de preocupações feministas e de gênero com as dimensões simbólicas, econômicas, políticas e jurídicas de tais trabalhos nas vidas das mulheres (principalmente cuidadoras pobres, racializadas ou do sul global) e no marco de relações transnacionais.

Na elaboração clássica de Joan Tronto (1993), no marco de uma crítica à generificação moral e estratégica da labor de *cuidar*, o *cuidado* é compreendido como:

...as a species activity that includes everything that we do to maintain, continue and repair our 'world' so that we can live in it as well as possible. That world include our bodies, our selves, and our environment, all of which we seek to interweave in a complex, life-sustaining web. (1993: 103)¹¹.

11 Para reelaborações mais recentes das propostas de Tronto, ver Debert e Hirata (2016). Outro caminho, mais descolado das discussões feministas e mais próximo das questões da antropologia da saúde, é proposto por Mol (2008).

Para a socióloga e feminista colombiana Luz Gabriela Arango, em comunicação pessoal via e-mail:

Esta definición amplia de cuidado permite seguir variadas pistas y profundizar en los significados situados, ambivalentes y polisémicos del cuidado, de las prácticas y relaciones que se tejen en torno a este y de la forma como el cuidado teje otras relaciones, instituciones y “mundos”.

Implica una visión de la vulnerabilidad y la interdependencia humana, de las redes complejas de cuidado que sostienen la vida, como hechos universales (materializados en configuraciones sociales históricas muy diversas por supuesto) que rompe con la idea del cuidado como actividad realizada por personas “válidas” sobre personas dependientes.

Incluye el cuidado del entorno: medio ambiente, objetos, lugares y seres vivos no humanos¹².

Então essa compreensão de *cuidado* tem a vantagem de abrir a categoria e colocar, a princípio, em segundo plano a ênfase na carência e nas limitações físicas e vitais como mobilizadoras do cuidado. As razões do cuidado passam assim de uma evidência excepcional e localizada de carência para, talvez, uma noção mais ampla e mais relacional de precariedade (Butler 2010) ou da *práxis* relacional, sócio-técnica, através da qual o “mundo” se faz possível (Mol 2008). Política, economia, Estado e cuidado (Lima 2016) encontram-se em planos diversos como recursos cruzados de governamentalidade e sustentabilidade em contextos imaginados como “em crise”, como fronteiras, etc..

O que resulta interessante no nosso estudo é ver como esses cruzamentos podem tomar sentidos diversos, inclusive opostos, e como esses sentidos, na materialidade de corpos e relações específicas, de desejos e de estilos de gênero, agem para a produção de ditas imaginações territorializantes. Mais ainda, como veremos na continuação, a ideia de pensar *cuidado* apenas no sentido da proteção generificada, da mercantilização etnicizada de trabalhos do *care*, resulta rapidamente sufocada pelos dados de campo. O *cuidado* e a *fronteira*, o cuidado na fronteira, se multiplicam. E, em alguns casos, a própria materialidade da fronteira torna-se objeto de cuidado, provocando interessantes desvios

12 Esse artigo tornou-se um diálogo e, depois, uma homenagem a Luz Gabriela, a quem tive a sorte de conhecer em Campinas. A sua singeleza, firmeza política e capacidade de escuta atenta e carinhosa foram fundamentais para mim em momentos de muita dificuldade pessoal. Assim nos tornamos amigos, dividimos espaços de trabalho e conversamos longamente em Campinas, São Paulo, San Juan de Puerto Rico e Bogotá. Ela leu e comentou com generosidade uma versão preliminar desse texto, me ajudando a compreender melhor as questões do *cuidado*, atrevimento meu e expertise dela. Mantenho aqui um trecho literal da sua comunicação para explicitar e compartilhar um pouco da sua clareza mental e da sua contribuição.

tanto nas discussões mais convencionais sobre *cuidado*, como sobre as estabilizadas formas de imaginar a *fronteira*. Vejamos.

Cuidar a fronteira; ser (d)a fronteira

Nessa narrativa derradeira conecto duas perspectivas-da-fronteira que me servem como contraponto para reforçar os argumentos e as possibilidades de investigação abertas até agora.

Como Cauã, o sr. Reyes chegou aqui sendo homem jovem e solteiro, como parte de uma estratégia nacional de defesa e produção militar/policial e masculina das fronteiras. Mas sua trajetória e posição era, foi e é absolutamente diferente. Ele era soldado da marinha colombiana nos anos 70 quando foi enviado ao Trapéicio Amazônico no então ainda incipiente projeto de vigiar a soberania nacional e de reprimir o contrabando fluvial. O departamento de Amazonas era um *territorio nacional*, Leticia “era un pueblo”, e Tabatinga estava em plena construção, ainda precária e dependente do Município de Benjamin Constant¹³. Reyes, o soldado raso da marinha, era um jovem camponês do interior do país, empobrecido e com uma trajetória infantil e adolescente de desamparos, errâncias, aventuras e experiências de trabalho impossíveis de descrever aqui. De forma análoga, o Estado colombiano daqueles tempos e naquele lugar não era o brasileiro, e nem o colombiano de hoje. A marca da narrativa de Reyes, inclusive como soldado da marinha, é a pobreza e a precariedade. Em absoluta oposição a Cauã.

Em setembro de 2015 Lindomar Albuquerque, Luiz Fábio Paiva e eu conhecemos o sr. Reyes enquanto fazíamos uma caminhada etnográfica pela linha de fronteira entre Tabatinga e Leticia. O sr. Reyes estava sozinho, tranquilo, capinando a grama e cuidando de uma pequena horta entre o muro da sua casa e a margem brasileira da linha fronteiriça, antes do sol começar a arder. O sr. Reyes nos contou como “yo cuido mi frontera” e, quiçá imaginando que três doutores de três universidades grandes do Brasil teriam algum poder político, expressou um desejo profundo: “quiero que me adjudiquen estas tierras para cuidar la frontera”.

A fronteira ali, aquela que o sr. Reyes cuida, é aquele espaço de costas às casas e às próprias cidades, onde a linha (a mesma do mapa) vai ganhando sua forma mais delgada,

13 A afirmação da soberania colombiana a partir de Leticia começou em firme somente depois da ratificação do Tratado Salomón-Lozano, assinado em 1932 no Rio de Janeiro, no qual o Peru entrega tal território à Colômbia. Tabatinga ganha emancipação municipal em 1983, e é justamente entre o final da década de 70 e o início dos anos 80, coincidindo com a municipalização de Tabatinga e com a “bonanza” do tráfico de cocaína a partir de Leticia, que estas cidades tem sua explosão urbana e sua conurbação (Aponte 2011).

sua capacidade de ser indicada com um dedo sobre a grama. Um micro-território que é imaginado sem lei nem dono (o mesmo do mito) a poucos metros do rebuliço urbano do principal passo de fronteira entre Tabatinga e Leticia: a dobradiça das avenidas *da Amizade e Internacional*. A fronteira é terra de colono; espaço delicado a ser limpo, cuidado, cultivado, habitado. Por isso é ele que cuida da fronteira, perante o que descreve como a negligência das prefeituras, polícias e ministérios das relações exteriores. Foi ele que ajudou a pintar os marcos daquele branco reluzente, ele que jogou abaixo um coqueiro e um matagal entre o muro da sua casa e a linha de fronteira no qual apareciam cadáveres, e “bandidos se drogavam, transavam e estupravam”. A fronteira nacional é então uma margem moral e estética que, nessa lógica, precisa ser cuidada e protegida.

Essa casa, aliás, materializa um outro processo histórico em pequena escala: o processo de trânsito e transformação da experiência de colonização de territórios “selvagens” para o de regulação e cuidado de trânsitos e permanências transfronteiriças. Explico-me. Após aquele primeiro encontro, voltei a visita-lo uma e outras vezes. Da primeira vez fiz o mesmo caminho e cheguei na porta da sua casa pela linha. Algumas mulheres com aspecto indígena lavavam roupas e cuidavam de crianças. Em espanhol de sotaque peruano me indicaram que a casa do Reyes é do outro lado, mas que podia passar por aqui. Entrei. Um corredorzinho estreito, meio escuro, com várias portas de quartos ao lado esquerdo, que, da linha de fronteira, me levou até a parte da frente da casa, já propriamente em Tabatinga. Ali estava ele com sua mulher, descansando embaixo da sombra de uma mangueira. A casa, pois, como as casas vizinhas, dava as costas para a fronteira.

Após o seu serviço na marinha colombiana, no final dos anos 70, Reyes, novamente empobrecido, com uma mulher e um filho para sustentar, conseguiu através de arranjos econômicos e comerciais adquirir essa casa. Era uma casinha meio caindo aos pedaços, perto do cemitério de Tabatinga, numa rua que ainda não era asfaltada e da qual se falava ser muito perigosa, entre outras razões, pela sua *proximidade* com “a fronteira”. Parte das razões pelas quais conseguiu a casa é que ela fora tomada por “bandidos”, “por drogados”, que a usavam como refúgio e como passo camuflado de um país a outro. O dono queria se desfazer da casa. Reyes conta, em uma narrativa cheia de detalhes omitidos, que foi com a ajuda da Polícia Federal da época, “porque yo estaba legal y le caí bien al Delegado”, que conseguiu ocupar a casa, expulsar os moradores, e começar o processo ainda inacabado de melhorar a infraestrutura para alugar os quartos. Desde essa posição, então, podia aproveitar para cuidar da fronteira; para roçar, ampliar sua horta, mantê-la bonita e segura, e assim evitar que terminasse sendo o micro-território produzido pelo lixo que as

peessoas jogavam ali, pelos certos cadáveres que apareciam, pelas práticas dos “bandidos”. Com suas próprias mãos, em aliança sub-reptícia com *o Estado brasileiro* e em companhia da sua esposa peruana (vemos então os pontos de conexão com Cauã+Socorro), Reyes transforma-se afetivamente num agente de gestão, cuidado e proteção da fronteira.

Diferentemente de Cauã e da Socorro, o sr. Reyes não considera esse lugar “o cu do mundo” (no sentido de pensar o cu como algo ruim e associado ao fim) do qual deve, fundamentalmente, cuidar-se enquanto não chega a hora de ir embora para algum lugar *melhor* como São Paulo, Bogotá, Lima ou Estados Unidos. Como Cauã e Socorro, Reyes também mantém um certo discurso de colon(izador)o que retoma os velhos giros sobre a preguiça dos locais, sobre a capacidade predatória dos peruanos, sobre a mestiçagem, etc.; ele também fala dos muitos mortos do narcotráfico, dos “bandidos”, da violência. Porém, quicá por ele ser aquele menino camponês sozinho e perdido nas montanhas colombianas, para ele nada disso parece endógeno e nem um motivo para sentir repulsa pelo lugar. Para ele a fronteira, a área fronteira, as cidades de fronteira, a linha de fronteira e as terras e plantas que ali crescem, são seu lar, o local em que escolheu viver. O lugar que leva mais de 40 anos conhecendo em detalhe, que descreve geográfica, histórica e relacionalmente com a mesma precisão que sua terra natal, que ajuda a cuidar e a regular. Uma forte cumplicidade com o local e a terra; uma desigual relação com as gentes da fronteira enquanto se torna cuidador dela.

Então é preciso realizar mais uma torção para intensificar a potência do *cuidado*.

Sentados em Santa Rosa (Peru), no meio do rio, e aproveitando para beber a boa cerveja Cusqueña difícil de conseguir em Tabatinga e em Leticia, Cecília me explica que “la frontera no existe”. Na sua explicação, a fronteira, aquele limite e obstáculo, aquele lugar temido, desaparece na prática, nas relações (e nas genealogias, disse eu) das pessoas que cotidiana e capilarmente habitam esse *complexo urbano transfronteiriço*. Ela se refere a como essa imagem de fronteira se desmancha na circulação, nas porosidades, no “contornamento” (Haesbaert 2011), no conhecimento empírico do saber viver aqui. Sua afirmação é uma provocação, mas não é uma irrealidade.

Cervejas à frente Cecília me mostra no seu celular dezenas de fotos da sua mais recente viagem de trabalho na região fronteira da Colômbia com a Venezuela (e próxima à tríplice fronteira com o Brasil), no rio Negro, departamento colombiano de Guainía. Eram fotos dela com muitas pessoas de diversas comunidades de lado e lado do rio, fotos de oficinas nessas comunidades, fotos de barquinhos encarando a selva, fotos de cervejas colombianas e cervejas venezuelanas, de painéis solares em escolas públicas, etc. De igual forma, me contava entusiasmada sobre o trabalho de oficinas de “produção de conteúdo”

desde a fronteira, que vem desenvolvendo em parceria com o Ministério da Cultura de Colômbia. Cecília é leticiana, de pele escura e cabelos pretos e encaracolados, filha de migrantes colombianos comerciantes que desde pequena a estimularam a estudar para que não ficasse “sin futuro” - o que eles imaginavam seria o normal naquele lugar -, graduada, mestre e doutoranda da maior universidade do país: ela representava o Ministério das Relações Exteriores da Colômbia na Amazônia através de um plano institucional cujo objetivo era “realizar proyectos de inversión en zonas de frontera...”.

Desde essa posição ela corporifica e ativamente produz uma estratégia absolutamente diferente de produção governamental da fronteira. Isto é: ela não é homem, nem militar, nem policial, nem missionária de igreja nenhuma, nem branca, nem veio de fora para vigiar, defender, legislar ou civilizar essa fronteira, e esperar com ansiedade o momento de ir embora¹⁴. Parte da sua estratégia é se afirmar como mulher e “paisana”, “bien paisanita”: aquela categoria êmica colombiana, amazônica, de localidade, oposta aos que viemos e somos de fora - principalmente brancos e das capitais -, através da qual se marca o forte pertencimento corporal, genealógico e cultural à região (índio, mas não só; caboclo, poderia se pensar em brasileiro, mas não só). E como “paisana” da fronteira sua rede de parentesco, afetos e desejos se desdobra no Brasil, no Peru e em algumas terras e corpos indígenas. Ela, como Cauã, como Reyes no seu tempo, corporifica e representa o *Estado*. Mas seu interesse é radicalmente outro: que as políticas foquem no melhoramento das condições materiais de vida das populações fronteiriças, no cuidado dessa fronteira pela que sente tanto carinho, para além das necessidades de transformar toda essa vitalidade transfronteiriça em normatividades e “harmonizações”.

A fronteira aqui é o lugar de origem, ao qual se pertence e o qual, corporal e coletivamente, se é. A fronteira é o povo que habita a fronteira e do qual se faz parte. Antes que uma marca de transnacionalismo ou cosmopolitismo transfronteiriço e contracultural, antes que uma marca de transações comerciais e de formas marginais do Estado, fronteira aqui é, novamente, um centro-do-mundo, o lugar da experiência da “paisana” (por sua vez tão distante da *mestiza* Anzaldua).

Através do sr. Reyes e a Cecília vemos que “a fronteira”, antes que constituir um agente do qual é preciso se cuidar, constitui um objeto material e social de carinho que precisa cuidado, conhecimento e trabalho. Cuidar das sociedades que habitam a fronteira, cuidar do terreno pelo qual passa a fronteira para que possa ser habitado. Cuidado tanto com relação aos “bandidos” e aos vizinhos *descuidados*, como com relação aos ímpetos

14 Cecília, como é comum na Colômbia, não tinha um contrato laboral como funcionária do Ministério, mas era “contratista”, prestadora de serviços como “assessora regional”, com um pagamento mensal próximo aos U\$800.

econômicos, de controle e de regulação - incluso pela retórica do medo - dos Estados nacionais. No sentido dessa forte sensação de localidade, “ser da fronteira” constitui-se numa condição que, ao mesmo tempo, atualiza e despedaça o “mito-conceito” de *a fronteira* (Serje 2005), pois a afecção pelo medo ou pelo desamparo como recurso político é substituída por uma elaboração complexa de carinhos, pertencimentos, regulações e inversões (o desamparo habita fora da fronteira)¹⁵.

Algumas considerações finais

As duas narrativas apresentadas reconfiguram um coletivo de relações, de corpos e posições, de experiências, trajetórias e diferenciações múltiplas que, enquanto pequena parcela empírica, compõe uma imagem das condições de possibilidade de pesquisar antropológicamente *a fronteira*. Cruzando as duas narrativas vemos como a produção da *fronteira* como um espaço ameaçador revela ameaças para a(s) própria(s) fronteira(s) de quem nela(s) habita, como podemos ver olhando para Flor ou nas queixas do sr. Reyes ou da Cecilia sobre o “abandono” e a instrumentalização da fronteira por parte de policiais e ministérios. Como é apresentado por Río e Cardía (2009) no seu estudo sobre a tríplice fronteira entre o Brasil, a Bolívia e o Peru, há grande diferença na maneira de sentir, pensar e viver “a fronteira” entre aqueles que de alguma forma são dali, e os que vem chegando mais recentemente produto das transformações econômicas recentes e das políticas de presença do Estado no local. Há aqui cortes históricos que resultam fundamentais. A diferença entre Reyes e Cauã, por exemplo, que passa produtivamente pelo gênero e pela geração, marca também formas históricas e estratégicas muito diferentes de ocupação militar da fronteira, que têm, além disso, implicações de classe: de um lado, o recurso a soldados rasos, pobres e muitos deles rurais, que eram enviados para ocupar e povoar, no meio de uma estratégia nacional precária (Zárate 2008) que, de fato, se faz muito presente nas genealogias de tabatinguenses e leticianos com pais ou avós policiais, militares e soldados não amazônicos, e do outro, o recurso a frentes de avançada, altamente especializados e diferenciados, e estrategicamente colocados para não pertencer ao lugar. “Eles falam pra gente: namorar sim, mas nunca casar; a gente tem que se cuidar muito das mulheres daqui”, me dizia um jovem soldado da Força Nacional de Segurança alguma vez (coisas que Cecilia e Flor ouviram muitas vezes).

O *cuidado e a fronteira*, então, veem sua existência multiplicada e deformada pela associação entre construções históricas das políticas e das estratégias de fronteirização,

15 Sobre afetos, desamparo e Estado, ver Safatle (2015).

“tensores” (inclusive “libidinais”)(Perlongher 1987) associados ao gênero, à classe social e à procedência, e também com dimensões mais propriamente individuais e biográficas.

Mudando a perspectiva inteiramente vemos como Cecilia corporifica um processo crescente, mais na Colômbia que no Brasil e no Peru (pelo menos nessa fronteira), de incremento de ações e presenças femininas, civis e locais do Estado: o fato de ser uma mulher local num cargo de representação regional do governo nacional não é um dado desprezível, e dificilmente poderia ter sido possível alguns anos atrás. Essa *nova* configuração do processo de fronteirização, com maior e mais impactante participação política e econômica de agentes locais - incluindo indígenas, mulheres, “gays”, entre outros -, e com outros âmbitos do Estado presentes no território deve ser ainda melhor estudada (Melo 2017).

Cuidado, então, pode expressar sentidos operativamente opostos e consequentemente serve para pensar formas diversas, e fortemente marcadas por gênero, da fronteira e das suas formas de governamentalidade. Perante uma determinada compreensão de precariedade ou desamparo (que se expressa através do conjunto analógico *fronteira*), o cuidado aqui visto tomou dois grandes caminhos. De um lado, fortalecendo os laços de mutualidade entre pessoas efetiva ou virtualmente ameaçadas ou temerosas que transformam a fronteira (ora lugar ora processo, imaginada, territorializada e corporificada) num potencial inimigo. Cuidar-se mutuamente, desse modo, pode se transformar facilmente num combate, ou numa relação de domínio; numa oposição que assume visos de violência colonial nos atos performativos de gênero no “circuito de afetos” entre Cauã, Socorro e Flor. Ou entre o Sr Reyes e “los bandidos”. Do outro lado, compreendendo ou construindo um vínculo, digamos, rizomático entre a coisa e a pessoa, entre o lugar e os projetos pessoais, o cuidado assume a forma de um engajamento laborioso com a precariedade ou com a ameaça (que, como vimos na história da casa do Reyes, não exclui o combate). E esse outro cuidado implica, e depende de, uma sofisticada e multidimensional elaboração política e econômica capaz de produzir ou de acolher outras relações e outras performatividades de gênero: Cecilia, ou Flor, agenciando o medo mistificado dos colonizadores.

Esse artigo é, como disse, parte de uma instalação maior, de elaboração coletiva algo dispersa, que busca produzir deslocamentos nos caminhos de aproximação e análise sociais das fronteiras. Uma instalação fragmentada, que permite visualizar, tocar e transitar por espaços transfronteiriços de formas menos “espetaculares”¹⁶. Isto é, esse artigo é

16 Sigo aqui o jogo de provocação apresentado por María Lois (2017), seguindo outros autores de fronteiras européias, entre “fronteras espectaculares” e “fronteras aburridas”, que serve para chamar a atenção sobre a operação de espetacularização de certas fronteiras (marcadas por grandes tensões, grandes e

parte do exercício de tentar tirar do centro algumas verdades e chaves de acesso muito estabelecidas sobre *a fronteira* para, em um primeiro momento, atentar ao que resta. O que resta da fronteira se por alguns instantes (pelos minutos de leitura das narrativas acima) tirarmos um pouco da solidez do contrabando, das ilegalidades, do narcotráfico, da violência e crime, da centralidade da afirmação da nação (seja como política ou como prática cultural), da confiança no grande Estado, do atravessamento das fronteiras, da transnacionalidade, da proeminência das formas governamentais espetaculares e molares?

Estado e cuidado se encontram nesse marco para compor uma nova, múltipla, fronteira. Nada do aqui apresentado elimina o Estado como objeto de pesquisa ou como variável de análise. Porém, na sua articulação particular com antropologia e com gênero (Vianna & Lowenkron 2017), o despedaça e o coloca em termos de arranjos e desarranjos contingentes, estratégicos e multidimensionais, de relações cotidianas de produção de diferenças e desigualdades marcadas interseccionalmente por gênero, altamente emotivas e íntimas, e o entrelaça em “circuitos de afetos”, sexuais e econômicos.

Por outro lado, e eis aqui um giro importante, esse circuito de afetos e cuidados materializa o caminho através do qual se produzem as desigualdades e as imagens reificadas e diversas de precariedade ou de necessidade de cuidados e alianças. Veja-se a posição da Flor nesse triângulo relacional, sujeitada e *governada* por “mãe” e namorado em função da sua posição social (gênero, procedência, classe, etnicidade), e o meu exercício de corporificar nela a imagem mítica da fronteira amazônica da qual os outros deveriam se cuidar. Flor é suspeita de estar enfeitando Cauã nos jogos do sexo e do amor, e Socorro nas invejas econômicas. Em resposta, a “bruja” que visitamos em Iquitos com Socorro foi clara, sobre a suspeita dela ser vítima de “dano” por parte da Flor e da mãe desta: “No hay daño, no hay; nadie te está haciendo daño. El problema es que administraste [cuidaste? governaste?] muy mal tu negocio”. A resposta vem da terra.

(...mas Flor continua uma intriga nessa instalação, uma projeção de luz em aberto. De um lado Flor é a tentação por substancializar a fronteira em um corpo desejado e desejante: de corpo-terra penetrada e seduzida, a mestiza combativa tecedora de novos mundos transfronteiriços. Por outro lado, Flor é seu silêncio, seu agir lento e tímido, suas recusas a casar, a namorar, a ser como suas irmãs, a obedecer Socorro, a subordinar-se a Cauã, a falar comigo-pesquisador. Flor é a lembrança dessa tentação substancializante, que é, por sua vez, a lembrança da perspectiva, da posição: nós, não fronteiriços-na-fronteira, nós que lemos artigos acadêmicos no distanciamento étnico-racial, geográfico,

conflitivos movimentos migratórios, guerras e tráficos, etc., e que implica maiores rentabilidades em termos de divulgação acadêmica, de financiamentos), e a condição de “aburridas” de outras.

intelectualizado... nós olhamos através de Cauã+Socorro e vemos na Flor a fronteira. Mas e Flor? Silêncio. A fronteira não é para Flor a mesma que é para Cauã+Socorro, não precisa ser intensamente falada. Ou, por que não é Cauã, seu corpo branco, másculo, malhado, heroico, endinheirado e armado, a substancialização temporária da *fronteira*? Por que já foi? (Martins 1997). Ainda mais: porque, seguindo a linha butleriana que nos acompanhou, nenhum desses corpos substancializa a fronteira, não há corpo capaz de conter essa e nenhuma fronteira, não há metonímia possível em um corpo que imaginemos como um. Ainda mais: porque a fronteira, como o medo, o desejo e o cuidado, desliza através deles e é relação pura. Relacionalidade, materialização temporária e parcialidade. *Fronteira* parece mais um recurso semântico para designar tautologicamente formas de relação que um recurso analítico para aproximar-se a territórios-corpos-dinâmicas definidas).

Por outro lado, a leitura do *cuidado* na chave Tronto (1993) – Mol (2008) permite a conexão com outras práticas, noções e relações de cuidado que incluem animais e objetos ou, como na relação proposta entre o sr. Reyes e Cecilia, incluem o cuidado de lugares, linhas e povos associados à *fronteira*. Vemos então que aquilo que no outro sistema relacional aparece como fonte de ameaça e potencial precarização (a *fronteira*), na perspectiva materializada pelas relações do sr. Reyes e da Cecilia, como de muitos outros habitantes, aparece como o objeto a ser cuidado e como a própria materialidade do cuidado (essa fronteira). A vida fornecida pela fronteira não se opõe e nem ameaça os fluxos e projetos de vida, por assim dizer, destas pessoas; com elas se entrelaça. Nesse sentido, afetos como o carinho, bem como práticas de conhecimento sistemático do objeto e dinâmicas de laboriosidade persistentes (a horta e a casa do sr. Reyes, as reuniões e viagens incansáveis da Cecilia) junto ao próprio objeto que assim se transforma em sujeito de ação (a fronteira, sua terra, seus locais, suas comunidades), resultam fundamentais para compreender esses outros *cuidados*. Trata-se quiçá de uma sorte de “parceria” entre o *cuidador* (que é também um agente de exploração) e o objeto cuidado, num sentido próximo ao que é demandado por Haraway (1991) na relação entre científicos e animais de laboratório.

Esse deslocamento que estou tentando propor, ao menos como suspensão temporária, está diretamente relacionado com uma crítica emergente nos Estudos de Fronteiras, que diz respeito à necessidade de produzir muito mais conhecimento *desde* os lugares chamados fronteiras e em processos de engajamentos laborais e políticos com estas (Staudt 2017). A hipótese aqui é que tais deslocamentos nos permitiriam acessar a fronteira como um sistema de práticas performativas, como um enlaçamento de corpos e afetos, na sua multiplicidade e na sua relativa autonomia existencial. Isto é: é

possível pensar esses lugares fractalmente chamados *fronteira* para além da sua função subordinada na produção da nação, da lei, do Estado, da cultura? Dito de outra forma, é possível conhecermos essas “dinâmicas das fronteiras” (Albuquerque 2010), esses “processos de fronteirização” (Grimson 2003), na incompleta e conectada parcialidade das suas vidas e intensidades sociais, nas materializações e performatividades dos seus cotidianos e, mais ainda, na sua relativa capacidade de falar de si mesmas –e não apenas do revés da nação? Ou a fronteira somente faz sentido como referência para a nação, como argumento para as mobilidades e como limite reflexo para o Estado?

Referências

- ALBUQUERQUE, JL. 2010. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume.
- _____. 2012. “Limites e paradoxos da cidadania no território fronteiriço.” *Geopolítica(s): revista de estudos sobre espacio y poder*, v. 3, pp. 185-205.
- ALBUQUERQUE, JL; OLIVAR, JM. 2015. “Apresentação. Dossiê Fronteiras: territórios, políticas, diferenças e desigualdades.” *Revista Ambivalências*; v.3, n.5, jan-jun, pp. 03-27.
- ANZALDUA, Gloria. 2012. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. 4th edition. San Francisco: Aunt Lute Books.
- APONTE-MOTA, Jorge. 2011. *Leticia y Tabatinga: transformación de un espacio urbano en la Amazonia*. Tesis de Maestría en Estudios Amazónicos. Leticia: Universidad Nacional de Colombia.
- BOURDIEU, Pierre. 2002. “O sentido da honra”. In: P. Bourdieu. *Esboço de uma teoria da prática*. Oeiras: Celta Editora, pp. 5-36.
- BUMACHAR, Bruna. 2016. *Nem dentro, nem fora: a experiência prisional de estrangeiras em São Paulo*. Tese de doutorado. PPGAS, Unicamp.
- BUTLER, Judith. 1998. “Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista”. *Debate Feminista*, Vol. 18, pp. 296-314.
- _____. 2004. *Undoing Gender*. New York, London: Routledge.
- _____. 2010. *Marcos de guerra: las vidas lloradas*. Barcelona: Paidós.
- CAMPOS, Ana Maria. 2012. *Dilemas da maternidade: assistência a grávidas na rede municipal de saúde de Benjamin Constant/AM*. Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas.
- CARNEIRO, Mario. 2017. *Relatório de Pesquisa: ‘A questão do território fronteiriço e suas articulações com gênero nas ciências sociais brasileiras: conceitos, usos, tradições, lugares’*. Iniciação Científica em Ciências Sociais. Campinas, Unicamp.
- CANDOTTI, Fabio. 2017. “Sobre linhas de segmentação ‘amazônicas’: dispositivos de saber

e movimento". *Seminário Permanente Gênero e Territórios de Fronteira*. Mesa 4 Gênero, Relação e Reconceitualização de Fronteira. 2 de junho de 2017. Disponível em http://cameraweb.ccuac.unicamp.br/watch_video.php?v=78K5HHYYX664.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1972. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

COLLINS, Kimberly. 2016. "Introduction to 'Border and Gender Studies: Theoretical and Empirical Overlap'". *Eurasia Border Review*, 7 (1), pp. 51-53.

DAS, Veena. 2007. *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press.

DEBERT, Guita & Hirata, Helena. 2016. "Apresentação Dossiê Gênero e Cuidado". *cadernos pagu* (46), janeiro-abril, pp. 7-15.

DIAS, Gustavo. 2015. "Tactics of Border Crossing Movement: Exploring the mobility of Brazilians through the Schengen and UK airspace." *Revista Ambivalências*; v. 3 n. 5 jan-jun, pp. 216-247.

FALHAUBER, P. 2001. "A fronteira na antropologia social: as diferentes faces de um problema". BIB, São Paulo; nº 51, setembro, pp. 105-125.

FINAMORI, Sabrina. 2013. "Família e cuidado em narrativas de vida marcadas pela ausência paterna". *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 14, n. 27, pp. 87-115.

GALETTI, Lilia. 2012. *Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá, MT: Entrelinhas/EdUFMT.

GREGORI, Maria Filomena. 2003. "Relações de violência e erotismo". *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 20, pp. 87-120.

GRIMSON, A. 2003. "Los procesos de fronterización: flujos, redes e historicidad." In: García, CI (ed). *Fronteras: territorias y metáforas*. Medellín: Hombre Nuevo Editores, pp. 15-34.

GUEDES, André. 2017. "Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoas". *MANA* 23(3), pp. 403-435.

HAESBAERT, Rogério. 2011. "Multi/transterritorialidade e 'contornamento': do trânsito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços". In: Nilson Fraga. *Territórios e fronteiras: (re)arranjos e perspectivas*. pp. 15-32.

HANNERZ, U. 1997. "Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional". *Revista Mana*; vol. 3(1), pp. 7-39.

HARAWAY, Donna. 1991. *Simians, cyborgs, and women. The reinvention of nature*. Routledge, New York.

HIRATA, Daniel. 2015. "Segurança pública e fronteiras: apontamentos a partir do 'Arco Norte'". *Revista Ciência e Cultura* vol.67 no.2 São Paulo abr./jun.: pp. 30-34.

IOSSIFOVA, D. 2013. "Editorial. Searching for common ground: Urban borderlands in a world of borders and boundaries." *Cities*; vol. 34, pp. 1-5.

LIMA, Antônia. 2016. "O cuidado como elemento de sustentabilidade em situações de

- crise. Portugal entre o Estado providência e as relações interpessoais". *cadernos pagu* (46), janeiro-abril, pp. 79-105
- LOIS, María. 2017. "Geopolíticas de la paz y estudios de frontera". *La Migraña*, n. 22.
- LÓPEZ, Claudia. 2000. *Ticunas brasileiros, colombianos y peruanos: etnicidad y nacionalidad en la región de fronteras del alto Amazonas/Solimões*. [Tese de Doutorado em Antropologia Social]. Brasília: Universidade de Brasília.
- MARTINS, José. 1997. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec.
- McCLINTOCK, Anne. 2010. *Couro Imperial: gênero, classe e raça no embate imperial*. Campinas: Editora da Unicamp.
- MELO, Flávia. 2017. "'Penosidade de Fronteira': perspectivas de governo, de gestão e de invenção da fronteira". Apresentação no *Seminário Permanente Gênero e Territórios de Fronteira*, março. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, Unicamp.
- MOL, Annmarie. 2008. *The Logic of Care: Health and the problem of patient choice*. New York, London: Routledge.
- MOTTA, Angélica. 2010. *Sexualidade e gênero na amazônia urbana do Peru*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva; Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ.
- NÓBREGA, Renata. 2016. "'Entra na Roda': história, cotidiano e mobilidades em Rondônia." Tese de Doutorado. PPGS, Unicamp.
- OLIVAR, José Miguel. 2015. "Performatividades governamentais de fronteira: a produção do Estado e da fronteira através das políticas de tráfico de pessoas na Amazônia brasileira". *Revista Ambivalências* v. 3 n.5 jan-jun pp. 149-182.
- OLIVAR, JM; CUNHA, Flávia Melo da; ROSA, Patrícia. 2015. "Presenças e mobilidades transfronteiriças entre Brasil, Peru e Colômbia: o caso da 'migração peruana na Amazônia brasileira'". *Revista TOMO*, n. 26 jan/jun, pp 123-163.
- OLIVAR, JM; MELO, Flávia. 2018. "Gender, narratives and perspectives: notes toward an anthropological understanding of government on the border between Brazil, Peru and Colombia". *Eurasia Border Review*, 8 (1), pp. 87-108.
- PAIVA, Luiz Fábio. 2016. "As dinâmicas do monopólio da violência e do controle em um território transfronteiriço e amazônico". *Tempo da Ciência*, v. 23. n. 46, pp. 27 - 37.
- PERLONGHER, Néstor. 1987. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.
- RÍO, José M. Valcuende del & CARDIA, Lais M. 2009. "Etnografia das fronteiras políticas e sociais na Amazônia ocidental: Brasil, Peru e Bolívia". *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, xiii (292).
- RUI, Taniele. 2014. *Nas tramas do crack: etnografia da abjeção*. São Paulo: Terceiro Nome.
- SAFATLE, Vladimir. 2015. *O circuito dos afetos*. São Paulo: CosacNaify.

- SAHLINS, M. 1985. *Islands of history*. Chicago: University of Chicago Press.
- SEGURA, D & ZAVELLA, P. 2008. "Introduction: Gendered Borderlands." *Gender & Society*; vol. 22(5), pp. 537-544.
- SERJE, Margarita. 2005. *El revés de la nación: territorios salvajes, fronteras y tierras de nadie*. Bogotá: Universidad de los Andes.
- STAUDT, Katleen. 2017. *Border Politics in a Global Era: Comparative Perspectives*. Rowman & Littlefield.
- STRATHERN, Marilyn. 1990. *The Gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- TAUSSIG, Michael. 1993. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*. São Paulo, Paz e Terra.
- TELLES, Vera & HIRATA, D. 2007. "Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito". *ESTUDOS AVANÇADOS*, 21 (61), pp. 173-191.
- TOGNI, Paula. 2014. *A Europa é o CACÉM. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*. [Tese]. ICS; ISCTE, Programa de pós-graduação em antropologia social. Lisboa: ICS, ISCTE.
- TERASSI, Luiza. 2016. *Relatório de Pesquisa: A questão do território fronteiriço e suas articulações com gênero nas ciências sociais brasileiras: conceitos, usos, tradições, lugares*. Iniciação Científica em Ciências Sociais. Campinas, Unicamp.
- TORRES, I; Oliveira, M. 2012. *Tráfico de mulheres na Amazônia*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- TRONTO, Joan. 1993. *Moral boundaries: a political argument for an ethic of care*. New York, London: Routledge.
- VIANNA, A & LOWENKRON, L. 2017. "O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens". *Cadernos Pagu* (51).
- VICTOR, Tuanny. 2017. *Relatório de Pesquisa: A questão das fronteiras amazônicas e suas articulações com gênero em material político/legal, jornalístico e artístico produzido no Brasil*. Iniciação Científica em Ciências Sociais. Campinas, Unicamp.
- VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. 2002. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify.
- WAGNER, Roy. 2010. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.
- ZÁRATE, Carlos. 2008. *Silvícolas, siringueros y agentes estatales: el surgimiento de una sociedad transfronteriza en la amazonia de Brasil, Perú y Colombia (1880-1932)*. Leticia: Universidad Nacional de Colombia.

Recebido em 07 de abril de 2018.

Aceito em 18 de julho de 2018.